Apresentação

A Revista Terceira Margem Amazônia disponibiliza a edição “Territórios Quilombolas no Brasil”, na qual publica textos de diferentes áreas do conhecimento com foco interdisciplinar, que contempla discussões e reflexões ligadas aos remanescentes de comunidades quilombolas no Brasil e a luta pela garantia dos seus direitos.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). No entanto, esse direito constitucional não é garantido, visto que grande parte das comunidades quilombolas sofrem constantes pressões sobre seus territórios tradicionalmente ocupados e não possuem os títulos definitivos de suas terras.

O ano de 2020 foi atípico para o Brasil e para o mundo, em que a sociedade foi marcada por restrições de várias ordens, devido à pandemia de covid-19, agravando ainda mais as desigualdades históricas. Um ano em que os povos e as populações tradicionais do Brasil, como os remanescentes de quilombos, sofreram graves ameaças à sua existência e ao direito a seus territórios.

A coletânea de textos que constam nesta edição foi apresentada à Revista ao longo dos anos de 2019, 2020 e 2021. E, como em grande parte dos setores da sociedade, diante das restrições impostas pela pandemia da covid-19, algumas adaptações foram necessárias para garantir a sua publicação, sofrendo atraso em sua disponibilização ao público. Mas, de outro lado, a edição se amplia e traz textos e relatos de lideranças quilombolas da Amazônia para falar de conflitos e resistências travados em um contexto que lhes impõe limites burocráticos, institucionais e estruturais na defesa de suas terras. Essas pessoas argumentam sobre como as suas comunidades viveram e enfrentaram o ano de 2020, não somente diante da pandemia, mas diante das práticas do atual governo federal e das ameaças a seus territórios.

Na sessão Corpus, o artigo “Re-existências malungas: agência sociopolítica de mulheres quilombolas no Marajó”, de Maria Páscoa Sarmento de Sousa, se debruça sobre o “aquilombar-se" em Salvaterra a partir da agência das mulheres quilombolas. Nessa perspectiva, o artigo de Joana Carmen do Nascimento Machado, “As antigas que dizem: mulheres quilombolas educam e se educam em um movimento transgressor ancestral”, traz a dimensão educativa da ancestralidade entre as mulheres quilombolas em defesa de seus territórios.

Os artigos “Resistência quilombola em Cachoeira do Arari diante dos impactos socioambientais do agronegócio nos campos marajoaras”, de Mailson Lima Nazaré e Assunção José Pureza Amaral; “Questão agrária, movimentos sociais populares e a luta pelo território: desafios e protagonismo quilombola no Brasil”, de Guilherme Goretti Rodrigues, Ramofly Bicalho e Pedro

Clei Sanches Macedo; e "Mediação, arbitragem e o processo de desapropriação por utilidade pública: o caso das comunidades quilombolas de Alcântara e a Lei nº 13.867/19", de Kelda Sofia da Costa Santos Caires Rocha, são textos que discutem os conflitos agrários entre quilombolas, Estado e a iniciativa privada e mostram os desafios da luta pela terra. Já a nota de pesquisa "O quilombo na cidade: notas etnográficas sobre uma ocupação quilombola", de Claudiane de Fátima Melo de Sousa e Petrônio Medeiros Lima Filho, acompanha uma reivindicação quilombola por titulação que veio do campo para ocupar a cidade.

Seguindo uma perspectiva etnográfica, os artigos "O sofrimento social e sua expressão no culto às almas da comunidade quilombola de Pução, MA", de Lanna Beatriz Lima Peixoto e Rafael Paiva de Oliveira Diaz; "Soberania e segurança alimentar para o 'bem viver': um estudo de experiência quilombola em Salvaterra/Ilha do Marajó, PA", de Lara de Victória Almeida Vaz e Flávio Bezerra Barros"; bem como a nota de pesquisa "Recuperação de práticas tradicionais pelas comunidades quilombolas África e Laranjituba (Moju/Pará): o caso da cerâmica em argila", de Raimundo Magno Cardoso Nascimento, trazem pesquisas antropológicas que versam sobre os desafios de quilombos da região Norte para manterem vivas suas tradições simbólicas, alimentares e produtivas.

Na nota de pesquisa "Educação ambiental, práticas e saberes docentes em comunidade remanescente de quilombo", os autores Emerson Araújo de Campos e Brenda Aryanne Damasceno Monteiro discutem perspectivas docentes para ensinar educação ambiental nos quilombos.

No atual contexto da pandemia da covid-19, Luciana Gonçalves de Carvalho, Raimundo Magno Cardoso Nascimento, Sérgio Gabriel Baena Chêne e Veridiana Barreto Nascimento, no artigo "Para uma doença emergente, uma organização insurgente: experiências quilombolas de enfrentamento da pandemia de covid-19 no Pará", relatam a experiência de organização da Coordenação Estadual das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo (Malungu) e de um núcleo universitário do Pará para frear o avanço da pandemia nos territórios quilombolas paraenses por meio das mídias sociais.

Na seção Práxis, no texto "Quilombolas de Salvaterra, PA: malungagens, práticas de autogestão e conflitos nas batalhas contra a covid-19", as lideranças quilombolas Maria Páscoa Sarmento e José Luiz Souza também debatem sobre as dificuldades e as medidas tomadas pelos comunitários para proteger o território do avanço da pandemia.

Outra liderança quilombola no Pará, Mário Assunção do Espírito Santo, faz sua narrativa sobre as violações que o Estado brasileiro comete ao não titular as terras quilombolas, o que fragiliza suas defesas frente ao capital privado. Ele conta como tais violações também foram sentidas durante a pandemia da covid-19, devido à falta de suporte público aos quilombos de Barcarena, PA, na área da saúde.

Na reportagem de Salete Ferreira, "Nas várzeas do Marajó o feitor ainda vive", um rico material fotográfico e de relatos orais coloca o açaí no centro de um conflito entre quilombolas e fazendeiros nas margens do Rio Arari, na Ilha do Marajó.

A revista Terceira Margem Amazônia felicita seus colaboradores pela importância dos textos submetidos e deseja a todas e a todos uma ótima leitura.

Edane França Acioli

Petrônio Medeiros Lima Filho

Lindomar de Jesus de Sousa Silva

Organizadores